

SOBRE A INVISIBILIDADE DA MULHER NOS ANOS 1930

Águida Assunção e Sá¹

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

E-mail: aguidasa.sbs@gmail.com

Resumo: O momento histórico em que transcorre o objeto de nossa análise - o tempo do romance *Os ratos*, de Dyonelio Machado (1895-1985), publicado em 1935 - foi marcado por turbulências políticas, com indícios do regime opressor de Getúlio Vargas, juntamente à modernização das grandes cidades que acirrou relações de poder, oprimindo as classes menos favorecidas. Analisamos o papel da mulher dadas as raras menções à personagem Adelaide n'*Os ratos*. A invisibilidade da mulher dentro do percurso narrativo do autor proporciona uma análise da divisão sexual do trabalho nesse contexto. Baseada na revisão bibliográfica (lendo autores como Simone Beauvoir e Axel Honneth), a pesquisa tem como objetivo principal aprofundar o estudo sobre o lugar da mulher na sociedade desse tempo tal como se configura a discreta participação de Adelaide no romance. Em torno dela, investigamos os fatores que naturalizam posturas nessa época dentro de uma sociedade patriarcal que nega às mulheres a participação efetiva na esfera pública e política. Analisaremos as razões pelas quais o autor reproduz a visão da mulher em uma sociedade que diminui o seu papel, reduzindo-a aos afazeres domésticos, como se o mundo pudesse ser pensado apenas em uma perspectiva masculina.

Palavras-chave: Feminismo. Patriarcalismo. Invisibilidade. Mulher. Papel Social.

Abstract: The historical moment in which the object of our analysis takes place (the time of the novel *Os ratos*, by Dyonélion Machado, published in 1935) was marked by political turbulences, with signs of the oppressive regime of Getúlio Vargas, and the modernization of the big cities that intensified oppressive power relations concerning the poorer classes. We analyze the role of women given the few mentions of the character Adelaide in *Os ratos*. The invisibility of women within the narrative path the author takes to study the sexual division of labor in this context. Based on the literature review (reading authors such as Simone de Beauvoir and Axel Honneth), the research aims to deepen the study of the place of women in society during this period as configured by the discreet participation of Adelaide throughout the novel. Around her, we investigated the factors that naturalized postures at that time within a patriarchal society that denies women effective involvement in the public and political sphere. We will analyze why the author reproduces the vision of women in a society that diminishes their role by reducing it to domestic chores as if we could think of a world only from a male perspective.

Keywords: Feminism. Patriarchy. Invisibility. Women. Social role.

1 Introdução

O romance *Os ratos*, do escritor e psiquiatra gaúcho Dyonelio Machado, publicado em 1935, período inicial do governo de Getúlio Vargas, reflete o contexto de sua

¹ Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Membro do grupo de pesquisa *Studia Brasiliensis* (CNPq). ORCID <https://orcid.org/0000-000-2148-7095>

produção: um período de modernização industrial dos centros urbanos, instauração do sistema capitalista e de turbulências políticas. Passava-se de uma estrutura social de base agrária para uma sociedade urbana e industrial. Nesse período, algumas mudanças na concepção do trabalho foram positivas, mas o corporativismo entre governo e sindicatos e a dinâmica modernizante afetaram diretamente as classes menos favorecidas que se tornaram dependentes da lógica capitalista, reféns do tempo, do poder monetário e de um discurso ideológico que as relegou à marginalização e exclusão. Como as atividades domésticas não geravam lucro para o setor econômico, nesse início do governo Vargas, apesar das várias conquistas femininas (o direito ao voto, avanços nas leis trabalhistas, entre outros), predominava ainda a inferiorização do lugar da mulher, e sua liberdade de atuação permanecia limitada em um período de viés autoritário.

Mesmo com a defesa dos direitos das mulheres por lideranças do período, como Bertha Lutz na conquista do direito ao voto, por exemplo, não se efetivou de fato a igualdade entre homens e mulheres. Ademais, a grande maioria das mulheres, relegadas à vida doméstica, viviam distantes tanto das lutas feministas quanto das mudanças ocasionadas pelo processo de modernização das cidades dentro do modelo capitalista que se fortalecia. O que historicamente foi construído a partir da divisão sexual do trabalho em torno do lugar de homens e mulheres na sociedade ainda era base para a constituição da família nos anos 1930. O modelo patriarcal ainda vigente fazia com que aos homens fosse destinada a esfera pública, cabendo-lhes o sustento da família, a participação ativa na vida social, ao passo que às mulheres, como destino natural, era reservada a esfera privada, os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos e o marido.

A leitura do romance *Os ratos*, centrado nas ações do protagonista em busca de soluções para os problemas financeiros (a dívida de 53 mil réis a ser quitada em 24h), uma vez que seu salário não era suficiente para cobrir todas as despesas básicas, sugere a necessidade de fazer uma análise em torno da personagem Adelaide, sua esposa, que poucas vezes aparece ao longo da narrativa. Essas poucas aparições acontecem nos diálogos com o marido ou em suas divagações ao longo do dia, atormentado pelo pouco tempo que tinha para conseguir o valor para quitar a dívida com o leiteiro.

O romance situa-se na segunda fase do modernismo, caracterizada por produções voltadas à denúncia de problemas sociais que retratam o momento político-ideológico marcado pelas estruturas urbano-industriais que se estabeleciam. As personagens criadas refletem essas estruturas, sendo ora vítimas, ora buscando resistir a esse processo. Autores como Machado vão além, trazendo dramas vividos pelas personagens em narrativas intimistas e de introspecção psicológica. É a fase áurea da literatura modernista que alcança na prosa de ficção um nível de maturidade em relação às propostas de ruptura com a arte tradicional da Semana de 1922. Nesse período, o romance regionalista traz uma aproximação maior entre ficção e realidade, retratando a pobreza, o fracasso e a decadência provenientes da implementação do sistema capitalista e das promessas de desenvolvimento não alcançado.

Este estudo tem como principal objetivo entender a construção da personagem feminina dentro do contexto dos anos 1930 a partir do contraste entre a centralidade masculina (Nazareno Barbosa) e a invisibilidade da mulher (Adelaide). Nesta análise, pautada em um diálogo² entre filosofia e literatura, destaca-se o perfil

² Nessa questão bastante interessante que envolve o diálogo entre filosofia e literatura, é importante ressaltar a obra do prof. dr. Lúcio Álvaro Marques, “Formas da filosofia brasileira”, quando dedica um capítulo a essa reflexão: “A sabedoria dos mestres da palavra”. Citando críticos literários como Antônio Cândido e grandes literatos como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Adélia Prado, convida-nos a pensar sobre estas grandes áreas que nos levam

de mulher neste romance, bem como o processo de reificação ao qual ela é submetida num contexto social pautado em valores conservadores e patriarcais.

1 Em torno dos papéis sociais masculino e feminino

Sabemos que, historicamente, os cuidados do lar, dos filhos, do marido e dos demais familiares sempre foram atribuídos à mulher enquanto o sustento econômico da casa e da família couberam ao homem, na figura do provedor do lar e chefe da família. Esses lugares, espaços e papéis relegam a mulher à esfera privada ao longo da nossa história. Apesar de muitas lutas, avanços e conquistas, são consequências de uma posição que se lhe impôs hierarquicamente, desvalorizando-a como sujeito e como trabalhadora. A história da mulher caracteriza-se pela opressão. E somente voltando um pouco nessa trajetória, conseguiremos entender os estereótipos e as imagens distorcidas criadas em torno dela.

Em seu livro *O Segundo Sexo*, a escritora francesa Simone de Beauvoir aborda os desequilíbrios de poder entre homem e mulher e a posição de “Outro” delegada ao sexo feminino: “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, pelo menos a sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora a sua condição esteja a evoluir, a mulher arca com um pesado *handicap*” (Beauvoir, 2008, p. 17-18). Essa condição de vassala escancara essa pesada desvantagem que se mostra na desigualdade de posições ocupadas por homem e mulher na sociedade. “Em quase nenhum país, o seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último prejudica-a consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstractamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes a sua expressão concreta” (Beauvoir, 2008, p. 17-18). Na questão econômica, mais claramente se percebe esse *handicap*: “Economicamente, homens e mulheres constituem como que castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas (...)” (Beauvoir, 2008, p. 17-18).

Nestas palavras, expõe-se de maneira bastante precisa esse desequilíbrio histórico que colocou e continua colocando homens e mulheres em posições desiguais, reduzindo a mulher à condição de Outro. Afinal, nossa história sempre foi fundamentada na ótica masculina, reduzindo a mulher à condição de deficiência e dependência. O prestígio dado ao homem se manteve ao longo da história de maneira tão poderosa que se faz sentir até hoje em nosso meio. E essa visão de mundo sempre prejudicou a mulher, relegando-a ao segundo plano, o que dificulta sua luta para conquistar maior espaço nos vários setores da sociedade. Nas sociedades primitivas, a mulher ocupava uma posição central. Quando o homem descobre seu papel na reprodução humana e na produção de alimentos, ocorre a passagem da sociedade matriarcal à patriarcal e consequente mudança na divisão primitiva do trabalho: “com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende os seus domínios” (Beauvoir, 2008, p. 88). Aqui se configura o patriarcado, e a mulher fica reduzida ao universo privado: ao lar e à procriação. O homem passa a reinar soberanamente, pois, a partir da invenção da ferramenta, ele começa a ter outros projetos ao passo que a mulher, na maternidade, continuou amarrada ao seu corpo, repetindo-se no tempo. E assim, ela passou a ser definida por esses papéis que foram naturalizados. A partir daí, criou-se esse estereótipo em torno da figura feminina cujo destino eram a procriação e as atividades domésticas. As mulheres passaram a ser consideradas inferiores por

ao pensamento crítico. Trilhando caminhos diferentes, ambos, literatos (pelo valor estético) e filósofos (pelo valor da argumentação), nos levam a refletir sobre as diversas questões que nos rodeiam. Para Marques, “a poesia conserva o objetivo exclusivo de produzir prazer estético. A filosofia alimenta a pretensão de conhecer a verdade, mesmo que alguém negue o acesso à verdade” (Marques, 2023, 365-366). Assim, na literatura está presente a filosofia, ou seja, o ato contínuo do pensar.

não conseguirem, por exemplo, enfrentar a guerra. Essas imagens da mulher como ser inferior, frágil e infantil foram impregnadas na personalidade feminina ao longo da história.

Em outros períodos, como Idade Média, Renascimento, Revolução Industrial e Modernidade, com tantas transformações em todos os campos, não houve uma evolução expressiva no papel da mulher. Seu destino continuava sendo a reprodução e os cuidados da casa. Em muitos momentos, as mulheres que se dedicavam à luta por mudanças foram castigadas e até queimadas devido à força dos discursos construídos que tinham como propósito a manutenção de crenças e valores baseados na ótica masculina. Ademais, foi se introyetando na própria mulher esse complexo de inferioridade ao longo das gerações dentro de uma cultura essencialmente masculina. Interessante a maneira como Beauvoir analisa essas questões trabalhando a distinção entre essencial e inessencial:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autónoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto a sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo o sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (Beauvoir, 2008, p. 27-28)

A mulher passa a ser considerada um ser inessencial, o que se transforma em um drama e a faz se encolher diante da opressão imposta nessa situação, enquanto o homem é considerado essencial. A luta das mulheres pela desconstrução dessas imagens tem sido atravessada por muito sofrimento, pois mudar toda essa construção em busca da estruturação de sua identidade implica vencer a cultura masculina. A discriminação é sentida em todos os setores da sociedade. Na desigual divisão do trabalho, os “homens têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que as suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política, etc., maior número de lugares e os postos mais importantes” (Beauvoir, 2008, p. 18).

A sociedade do início do século XX ainda reflete de maneira forte essa visão de mundo. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho não desconstruiu as desigualdades de antes nem equilibrou os papéis do homem e da mulher nas relações sociais. Perpetuou-se essa desigual divisão que continuou sendo desfavorável às mulheres. Flávia Biroli, ao abordar a divisão do trabalho como ponto central na opressão às mulheres e na produção do gênero, afirma que “essa relação é fundamental para a compreensão não apenas da posição desigual das mulheres, mas também, de forma mais ampla, da organização das relações de poder nas sociedades contemporâneas” (Biroli, 2018, p. 24). Ela assinala “a correspondência entre a caracterização da esfera pública como âmbito da universalidade e da razão e a caracterização da esfera privada como âmbito da particularidade e dos afetos” (Biroli, 2018, p. 94). As conquistas no espaço econômico não eliminaram as atividades do lar

que elas assumem praticamente sozinhas, mesmo diante das mudanças ocorridas com o advento do capitalismo. Pela divisão que se instituiu, desvalorizou-se a função da mulher (o cuidado do lar), tida como de pouco valor, e atribuiu-se ao homem a produção material (tarefa que lhe confere prestígio e poder). Essa divisão estabeleceu uma relação hierarquizada, reforçando a desigualdade dos papéis sempre fundamentada na exploração de um sexo pela pretensa superioridade em relação ao outro construída ao longo da história. Assim se configurou essa dicotomia entre *homens provedores e mulheres cuidadoras*. (Souza & Guedes, 2016, p. 123).

Nos primeiros anos do governo Vargas, essa divisão de papéis ainda permanecia. A Constituição que passou a vigorar desde julho de 1934 estabelecia princípios de igualdade salarial, coibindo a discriminação entre homens e mulheres. A legislação trabalhista garantia, por exemplo, assistência médica e sanitária à gestante, sem prejuízo salarial e empregatício. A Constituição garantia o amparo à maternidade e à infância, mas, ao mesmo tempo, havia dificuldades na aplicação desses direitos em muitas situações³.

Teoricamente, homens e mulheres eram iguais perante a lei, mas havia contradições no governo Vargas em relação à Constituição e também ao que previa o Código Civil, por exemplo, em relação aos direitos do marido como chefe da família e controlador das atividades da mulher. O discurso produzido e veiculado em torno dos ideais de trabalho e família, propaganda forte criada em torno da figura de Vargas como “pai dos pobres”, não mudou o papel da mulher, responsável pelo bom funcionamento do lar. Mesmo com as mudanças trazidas pelo processo de modernização das cidades nesse período, quase nada mudou na visão conservadora em torno da mulher.

Apesar de toda a resistência à presença da mulher em outras esferas da sociedade e mesmo no universo do trabalho, dentro ainda do discurso ideológico do governo Vargas, muitas mulheres continuaram assumindo trabalhos, mas em setores considerados próprios para elas nas áreas do magistério, enfermagem, setor agrícola, etc. Ou seja, tornavam-se perceptíveis as diferenças entre homens e mulheres, especialmente no que tange ao mundo do trabalho. Enfim, nesse período, alguns direitos foram conquistados, mas com muita luta por parte das próprias mulheres. Com a instituição do Estado Novo, a ditadura se estabeleceu de 1937 a 1945 e, com ela, também a postura de supressão de direitos e do ideal de família que fortalecia a figura da mulher com a vocação para o casamento e à maternidade e do homem como chefe da família e provedor do lar.

³ Todas essas considerações em torno da Constituição e do Código Civil vigentes nesse período se baseiam nos estudos de Natália Cabral dos Santos Esteves, na pesquisa sobre as conquistas femininas durante o governo Vargas, publicados no XIX Encontro de História da Anpuh-Rio. Disponível em https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-ri-encontro2020/1600021231_ARQUIVO_ed84ad90e200a49c6a79125700c5dd7f.pdf Acesso em 02/09/2025.

À luz dessas considerações, passaremos ao estudo da personagem Adelaide n'*'Os ratos'*, buscando entendê-la dentro do contexto social dos anos 1930 a partir de seu apagamento ao longo da evolução da narrativa. Essa invisibilidade proporciona uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade desse período com base nos estudos feitos sobre os papéis sociais do homem e da mulher ao longo da nossa história. A forma como a personagem feminina foi construída, ou seja, suas raras aparições vão delineando o espaço que lhe cabe na narrativa bem como na sociedade da época.

2 O essencial e o inessencial na trama dyoneliana

O primeiro capítulo do romance mostra claramente os papéis sociais que cabem ao homem e à mulher no contexto dos anos 1930. No início da narrativa, o “pega” com o leiteiro deixa clara a difícil situação financeira em que se encontra o protagonista Naziazeno Barbosa, funcionário público atormentado por dívidas acumuladas ao longo dos anos. E nesse recorte das 24 horas escolhidas pelo autor, o personagem tem apenas um dia para quitar a dívida com o leiteiro para não ter cortado o fornecimento do leite.

Como marido, pai, *pater familia*, Naziazeno é o provedor familiar. Cabe-lhe alimentar o lar com os recursos necessários para a sobrevivência da esposa e do filho. O narrador, num estilo simples e direto, inicia a narrativa trazendo o grande pesadelo que atormentará Naziazeno ao longo do dia: “Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao ‘pega’ com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem” (Machado, 2004, p. 7). Em apenas 24 horas ele terá de resolver esse problema que já o atormenta desde o começo do dia e lhe acarretará mais uma dívida, gerando o recomeço da busca de solução para as dívidas que vão se amontoando em um castigo sisifiano infundável.

Dessa forma, a narrativa se centra em Naziazeno, no homem, no pai, no provedor da família em suas andanças pela cidade de Porto Alegre na luta para conseguir os 53 mil réis para saldar a dívida. Como personagem principal, atormentado por tantos problemas, ele se torna o retrato das classes menos favorecidas da sociedade, mergulhadas em um amontoado de dívidas, o que as torna presas fáceis da manipulação dentro de um poder opressor que se estabeleceu durante o governo de Getúlio Vargas.

Em tempos de dificuldades econômicas, o provedor do lar perambula pelo centro da cidade em busca do dinheiro: “É a quarta vez que faz esse trajeto da repartição ao centro – do centro à repartição” (Machado, 2004, p. 51). São várias as tentativas (emprestimo com o diretor da repartição onde trabalha, com os amigos Duque e Alcides, o jogo na roleta, comissão de uma venda feita por um amigo) até conseguir o dinheiro com a penhora de um anel do Alcides: “O seu plano é sempre simples: é o recurso amigo, a solidariedade. Quem não compreenderia?...” (Machado, 2004, p. 26). Nessa ciranda, vão-se as 24 horas, e ele só consegue a solução à noite, chegando tarde à casa. Naziazeno chega à exaustão por ter andado tanto pela cidade, repetindo os mesmos trajetos e

sempre atormentado pelo tempo que passava rápido no seu exterior e pelo tormento que se eternizava em seu interior por não conseguir resolver rápido o seu problema. “Demais, tem aquele cansaço, aquele cansaço dos nervos” (Machado, 2004, p. 82). O drama psicológico que vivia fazia desse dia uma eternidade. “Naziazeno vai como que a ‘reboque’. Todo o seu corpo tem uma fadiga, um cansaço, um desânimo... Quando se lembra da sua revolta em ‘transigir’ ... Ele agora já visa uma coisa qualquer que o salve do vexame de chegar em casa com as mãos abanando...” (Machado, 2004, p. 121). Ao mesmo tempo, a solução para o problema era inadiável. Sendo o provedor do lar, ele não poderia voltar para casa sem o dinheiro para quitar a dívida. Colocaria em risco sua posição de chefe da família, do homem da casa. Passaria pelo vexame de não conseguir o sustento para o filho e a esposa e não resolver seus próprios problemas. Teria de enfrentar uma situação vexatória diante da esposa. Em outras palavras, ficaria inferiorizado diante da MULHER, considerada o sexo frágil, um ser menor, reduzida ao âmbito do lar, enfim, inessencial.

Com isso, o homem, chefe da família, estereótipo dos valores predominantes em uma sociedade ainda muito conservadora (a virilidade, a força física e a liderança), torna-se refém da opressão exercida por um discurso ideológico que jogava à margem a massa de trabalhadores que não tinha sequer o básico para a sobrevivência. A falta do leite (a dívida com o leiteiro é escolhida pelo autor não sem uma intenção clara), revela as dificuldades das populações mais pobres com questões básicas como alimentação e saúde: o alimento está em vias de ser cortado e o filho tem problemas de saúde desde novinho, quando teve meningite:

o combate, afinal vencido, que foi a doença do garotinho. A diarreia (de se sujar até quinze vezes ‘nas vinte e quatro horas - expressão do médico) ... a magreza, a debilidade ... os olhos caídos, tristes, profundos, de apertar a garganta da gente... E, por fim, aquela palavra terrível! terrível!
- Mas ele está mesmo atacado de *MENINGITE*, doutor?!.
- Não. Ainda não...
- Mas o senhor tem receio então...
- Nesses casos de desidratação, de desnutrição violenta, é sempre de recear... (Machado, 2004, p. 14)

Todas as palavras utilizadas para caracterizar o filho expressam as condições de subdesenvolvimento a que foram relegadas tantas camadas da população reféns dos problemas financeiros sem a possibilidade de garantir o básico para uma vida digna: “magreza”, “debilidade”, “olhos caídos, tristes, profundos”. A falta da alimentação acarreta problemas advindos da “desidratação” e da “desnutrição violenta” que por si são frutos da desatenção às classes menos favorecidas por quem detém o poder. O discurso ideológico vigente opõe essas classes e vai aos poucos naturalizando as desigualdades, o que facilita a manutenção das classes dominantes no poder.

Naziazeno se torna ainda refém do poder econômico, do dinheiro, da lógica capitalista que se instaurava nos grandes centros urbanos no início do século XX. O processo de modernização trouxe bastantes dificuldades para os trabalhadores retratados em Naziazeno. Vindos do campo, enfrentavam sérios problemas para se

adaptarem à nova lógica de vida, o que gerava também problemas para as cidades com o êxodo rural. Muitos acabavam passando por situações difíceis devido ao desemprego, à exclusão social e à pobreza, agravadas pela crise econômica mundial após a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. “O problema imigratório apresentava, sem dúvida, uma face econômico-social que só se agravara com a crise internacional de 1929 e todos os seus conhecidos desdobramentos” (Gomes, 1999, p. 68-69). Um dos pontos que deixa isso claro era a questão do movimento da mão de obra: “O número de desempregados era grande, como era grande o movimento interno que trazia mais mão-de-obra do campo para a cidade” (Gomes, 1999, p. 68-69), o que trazia como consequência um grande desequilíbrio para o país: “o Brasil vivia uma situação de grave desequilíbrio em face do crescente deslocamento da população rural para as cidades litorâneas. Inúmeras eram as causas deste fenômeno, que podiam ser sintetizadas na situação de abandono em que se encontrava o homem do interior (...)” (Gomes, 1999, p. 68-69).

Naziazeno, como tantos que vinham do campo, se viam numa situação de abandono diante de um processo de industrialização que privilegiava interesses das classes dominantes e uma consequente desatenção aos pobres. “Sem educação e saúde, sem transporte e crédito, sem possibilidade de uma atividade rendosa, acabavam ficando no campo apenas aqueles que não conseguiam migrar” (Gomes, 1999, p. 70).

O *pater familia* vivia na periferia e trabalhava no centro. A narrativa, de cunho psicológico e intimista, com uso intenso da técnica do discurso indireto livre, leva o leitor a mergulhar nesse ambiente de angústia e sofrimento vividos por Naziazeno nessas 24 horas, oprimido e fragilizado diante de um tempo que o rói internamente, dado o peso do martírio que vive. O embate com o leiteiro vai perseguí-lo o tempo todo como um refrão: “Há um estribilho dentro do seu crânio: ‘*Lhe dou mais um dia!* tenho certeza ... Quase ritmado: ‘*Lhe dou mais um dia!*’” (Machado, 2004, p. 20).

A narrativa não nos oferece elementos sobre seu passado. Um homem sem passado, sem história, sem memória se torna presa fácil para o poder que se instaurou e passa a ter o controle sobre tudo e todos. Os corpos passam a pertencer a uma lógica dominante que controla a vida e o ser e cujos dispositivos de poder garantem todo tipo de manipulação. O Estado passa a gerir a população através de uma vigilância fundamentada em um discurso de poder que permite o controle de tudo.

Sem passado e sem projeções para o futuro, Naziazeno se torna um ser errante que não enxerga mais nada à sua volta. O controle exercido por esse poder com várias facetas impede-lhe a consciência crítica de si e dos problemas que o cercam, ofuscando qualquer possibilidade de reação ou resistência ao que lhe é imposto. Rodeado de problemas e oprimido por uma lógica de poder que lhe tira tudo e, ao mesmo tempo, o controla, Naziazeno só vê à sua frente a urgência em conseguir o dinheiro, pois ele é o homem da casa, o provedor do lar. A centralidade dada a ele dentro da narrativa reproduz claramente o papel social que cabia ao homem em uma sociedade ainda bastante fundamentada em valores ditados por um discurso altamente conservador e autoritário.

Exercendo o papel de ser inessencial está Adelaide, esposa de Naziazeno, a quem é dada pouca luz ao longo da narrativa e é o foco do nosso estudo. A ela cabem os papéis de esposa, mãe e cuidadora do lar, tornando-se o retrato de uma grande parcela das mulheres nos anos 1930. Ao construir Adelaide (e também Naziazeno) dentro dos padrões vigentes, Machado expressa uma capacidade ampla de visão de mundo e de análise da realidade, trazendo para o ambiente fictício as complexidades do ser humano e o cotidiano das relações sociais. Como nesse contexto a sociedade ainda se encontrava fortemente marcada pelos valores do patriarcado, é possível entender nessa obra a construção de uma personagem feminina moldada pelos papéis tradicionais que ainda hoje têm seu espaço: o de filha, mãe, esposa, dona de casa, cuidadora do lar e da família. Interessante notar que em outras obras, o autor construiu um outro perfil de mulher, proporcionando maior plenitude ao debate.

Nesse modelo de família da narrativa, os papéis são bem definidos: ao homem cabe o sustento do lar, a vida e o trabalho público; à mulher cabem os afazeres domésticos, a vida no ambiente privado. Essa divisão fortalece essa visão da mulher como sexo inferior, menor, dominado, submisso, reduzida ao lar e à procriação, naturalizando-se, assim, suas funções dentro de uma visão de mundo essencialmente masculina.

Na primeira cena, logo pela manhã, no embate com o leiteiro, ela aparece expressando suas preocupações com o corte do fornecimento do leite do seu filho Mainho. A partir do momento em que Naziazeno sai de casa para buscar uma forma de quitar a dívida e evitar o corte do leite, ela desaparece da cena para só voltar no final da narrativa, quando o marido retorna com o dinheiro. Algumas vezes é citada, mas nas tantas divagações do protagonista, ao longo da busca obsessiva pela solução de seu drama.

Neste primeiro momento, ela aparece também sem nenhuma caracterização física ou psicológica. Outro detalhe que chama a atenção é que o narrador se refere a ela como “a mulher”, não usando seu nome que só nos é informado nos capítulos finais. Isso fica evidente já no início da narrativa, depois que o leiteiro sai: “Naziazeno ainda fica um instante ali sozinho. (A mulher havia entrado.)” (Machado, 2004, p. 7). O fato de se referir a ela como “a mulher” revela seu lugar: sem fisionomia, sem personalidade, no silêncio do lar. Pelas poucas falas e atitudes dela nesse início, conclui-se ser a personagem feminina construída seguindo os padrões vigentes à época. É uma esposa submissa, provavelmente sem educação formal, totalmente sem autonomia e envolvida com os afazeres domésticos e os cuidados com o marido e o filho. Enfim, já percebemos, de antemão, o retrato da mulher relegada ao ambiente do lar, completamente controlada, sem qualquer perspectiva possível de vida diferente daquela que é imposta pela sociedade às mulheres em geral. Satisfazendo aos padrões do poder masculino na época, Adelaide estaria bem distante das conquistas femininas nesse período, como a conquista do direito ao voto e os avanços nas questões trabalhistas.

Logo no primeiro diálogo entre ela e o marido, muitas dessas questões analisadas até aqui ficam explícitas. Evidencia-se sua resignação diante dos fatos, além da submissão ao marido:

Naziazeno encaminha-se então para dentro de casa. Vai até ao quarto. A mulher ouve-lhe os passos, o barulho de abrir e fechar um que outro móvel. Por fim, ele aparece no pequeno comedouro, o chapéu na mão. Senta-se à mesa, esperando. Ela lhe traz o alimento.

- Ele não aceita mais desculpas...

Naziazeno não fala. A mulher havia-se sentado defronte dele, olhando-o enquanto ele toma café.

- Vai nos deixar ainda sem leite...

Ele engole o café, nervoso, com os dedos ossudos e cabeçudos quebrando o pão em pedaços miudinhos, sem olhar a mulher.

- É o que tu pensas. Temores... Cortar um fornecimento não é coisa fácil. (...) A mulher receia também que o leiteiro lhes faça algum mal. Ele é um “índio” mal-encarado e quando chega, de manhã muito cedo, ainda os encontra dormindo. (Machado, 2004, p. 8)

Nesse primeiro diálogo, Adelaide, ou a mulher, não é caracterizada, mas por suas falas e atitudes, é possível enquadrá-la dentro desse padrão feminino apresentado até aqui. A primeira ação da mulher é “trazer o alimento”, o que mostra a mulher dedicada às tarefas domésticas. Depois, mostra-se preocupada com o iminente corte do fornecimento do leite para o filho: “Ele não aceita mais desculpas...”, mas não apresenta nenhuma reação quando o marido a tranquiliza dizendo não ser tão fácil assim cortar o leite. A frase final que mostra sua apreensão diante do leiteiro o qual ela compara a um

índio⁴ demonstra total aceitação das condições, sua inferiorização, temores e nenhuma reação diante do marido nervoso que toma seu café “sem olhar para a mulher”.

A esposa fiel e dedicada não esboça qualquer reação face à situação que vivencia. Sua total resignação pode ser sentida facilmente ao não demonstrar nada que possa ir de encontro ao seu papel: “A mulher baixa os olhos; mexe com a ponta do dedo qualquer coisinha na tábua da mesa” (Machado, 2004, p. 9). O marido procura justificativas para o corte do leite, e também do gelo e da manteiga já cortados antes, mas ela não se manifesta diante das falas que a colocam como fraca diante dos acontecimentos. Quando ela se resigna ao baixar os olhos, ele se volta a ela com ar de autoridade, de ser superior: “Ele se anima: / - Quando foi da manteiga, a mesma coisa, como se fosse uma lei da polícia comer manteiga. Fica sabendo que eu quando pequeno, na minha cidadezinha, só sabia que comiam manteiga os ricos, uma manteiga de lata, amarela” (Machado, 2004, p. 9). Ou seja, na fala da autoridade da casa, esses itens foram colocados como luxo, não como necessidades básicas.

A boa esposa continua ouvindo o marido, resignada: “Aqui não! É a **disciplina**. É a uniformidade. Nem se deixa lugar para o gosto de cada um. Pois fica sabendo que não se há de fazer aqui cegamente o que os outros querem” (Machado, 2004, p. 9, grifo nosso). É preciso observar atentamente a escolha das palavras que delimitam bem os papéis do homem e da mulher nessa família bastante tradicional e popular. A palavra “disciplina” demarca a autoridade do homem. Na sequência, fica claro o espaço da mulher: “A mulher não diz nada. Voltara a esfregar uma qualquer coisinha na tábua da mesa” (Machado, 2004, p. 9). Quando ela se cala e volta para as suas tarefas domésticas, definem-se as funções da mulher, naturalizando-se sua figura como inessencial, bem como sua redução ao espaço doméstico. Fica estampado na narrativa o modelo de mulher predominante nesta temporalidade, longe das lutas e conquistas feministas que ainda eram pequenas diante da força dos valores tradicionais. Modelo esse que traz à tona o que se vivenciava na sociedade da época: a feminilidade, a maternidade, a pureza, a meiguice, a resignação e a inessencialidade eram sinônimos de mulher. Consequentemente cabia-lhe a reclusão do lar, o cuidado com a família e o zelo nas tarefas domésticas.

Mais adiante, na continuidade da conversa, mantém-se a autoridade do marido e a submissão da esposa:

- Olha, Adelaide (ele se coloca decisivo na frente dela), tu queres que eu te diga? Outros na nossa situação já teriam suspendido o leite mesmo.
Ela começa a choramingar:
 - Pobre do meu filho...
 - O nosso filho não haveria de morrer por tão pouco. Eu não morri, e muita vez só o que tinha pra tomar era água quente com açúcar.
 - Mas, Naziazeno... (A mulher ergue-lhe uma cara branca, redonda, de criança grande chorosa) ... tu não vês que uma criança não pode passar sem leite?... (Machado, 2004, p.10)

As frases colocadas entre parênteses são bastante sintomáticas, trazendo em poucas palavras os estereótipos de mulher desse período: é a mulher sem uma identidade definida ainda que fosse branca (demarcação de raça) e redonda, a saber, gorda, com cara de criança chorosa, o que a caracteriza como frágil, infantil e insegura, justificando o lugar que lhe é imposto no modelo de família-padrão vigente na época.

⁴ Segundo o crítico Luís Bueno, essa comparação de uma pessoa a um índio era comum nessa época: “Logo na primeira linha, a discussão com o leiteiro é referida como um ‘pega’ (p. 9); pouco adiante, o próprio leiteiro é descrito como um ‘índio’ mal-encarado (p. 11), com o uso dessa expressão tão típica do Rio Grande do Sul para tratar de um sujeito qualquer (...)” (BUENO, 2015, p. 579)

Todavia, uma passagem da narrativa chama a atenção por trazer uma reflexão de Naziazeno sobre Adelaide em suas divagações as quais têm um grande espaço na narrativa, dado seu caráter de introspecção psicológica. Diante de toda a tormenta que vive e tendo uma esposa fiel e dedicada, que tudo faz para lhe agradar, em determinado momento está às voltas com seus pensamentos, reclamando da timidez da esposa:

Também a sua mulher com os outros é tímida, tímida demais. Fosse a mulher do amanuense, queria ver se as coisas não marchariam doutro modo. (...) Ele precisava dum ser forte a seu lado. Toda a sua decisão se dilui quando vê junto de si, como nessa manhã, a mulher atarantar-se, perder-se, empalidecer. (...) Sentir-se-ia fortificado, ou ao menos “justificado”, se visse a seu lado a mulher do amanuense franzindo a cara ao leiteiro, pedindo-lhe para repetir o que houvesse dito, perguntando-lhe o que é que estaria porventura pensando deles. A sua mulher encolhida e apavorada é uma confissão pública de miséria humilhada, sem dignidade — da sua miséria. (Machado, 2004, p. 18-19)

Interessante que aqui o homem reforça essa condição da mulher como ser frágil, e esse grau de passividade o incomoda, por isso desejaria que ela fosse forte. Na sua análise, ela é tímida, insegura, encolhida, apavorada, e ele precisa de um ser forte ao seu lado, comparando-a à mulher do amanuense da prefeitura (um secretário), um dos vizinhos citados nessa primeira cena que é “um homem bem posto na vida” (Bueno, 2015, p. 577), “é madrugador, tem galos, todas as exterioridades dum sujeito ordenado como o Fraga” (Machado, 2004, p. 13). Este é um ponto crítico: Naziazeno olha para sua mulher e, ao compará-la com outra que considera mais forte, acaba subestimando a posição dela e reiterando os papéis impostos pelo discurso ideológico vigente.

A sociedade passava por mudanças, e a mulher, dedicada ao lar e à família, precisava ser mais forte, precisava ser também moderna. Quando lemos a última frase do parágrafo, percebemos que essa crítica que ele (Naziazeno) faz à mulher é, na verdade, o reconhecimento da própria fragilidade diante das situações que o rodeiam, à própria dificuldade de encontrar solução para os tantos problemas financeiros que o afligem. Com isso, Machado mostra a necessidade da mudança no perfil da mulher que, no ambiente urbano, precisa ser inserida no mercado de trabalho, “tornar-se produtiva”.

O autor, sob o olhar de Naziazeno nessa análise de Adelaide, na técnica do discurso indireto livre, apresenta um outro perfil de mulher totalmente oposto ao perfil de Adelaide. A mulher do amanuense da prefeitura teria um comportamento diferente, sendo a mulher forte que ele desejaria ao seu lado. Ela não traria em si o traço servil de Adelaide, mas o de uma mulher determinada. É o próprio Machado fazendo uma crítica aos padrões vigentes na época, mostrando que a mulher é capaz de ter uma outra postura diante das situações cotidianas, podendo ocupar outros espaços e funções nas relações sociais.

Em algumas passagens ao longo da narrativa, centradas nas andanças do protagonista, Adelaide aparece raras vezes, mas sob a ótica do protagonista. Na obra *O tempo no romance*, Jean Pouillon aponta essa postura do narrador como “visão com o personagem”, pois “(...) é sempre *a partir* dele que vemos os outros. É ‘com’ ele que vemos os outros protagonistas, é ‘com’ ele que vivemos os acontecimentos narrados. Vemos (...) o que se passa com ele (...).” (Pouillon, 1974, p. 54-55). Mais um recurso para mostrar a mulher sempre submissa à ótica masculina: “Chega a pensar em voltar pra casa. Conseguirá uns níqueis (não será difícil). O seu almoço está “guardado”, um prato fundo, metido no forno do fogão. ‘- O prato está quente! - recomenda-lhe a mulher” (Machado, 2004, p. 68).

Diante dos padrões conservadores do período, Adelaide, retratada em pequenos *flashes* ao longo da narrativa, seja na voz do narrador, seja na voz do marido e nos poucos diálogos, encarna o conformismo e o papel de subserviência e alienação no cotidiano de uma família humilde, retrato da visão de mundo patriarcal (Rebolho, 2008, p. 58).

Nos capítulos finais, especialmente nos capítulos XXI a XXIII, após todas as andanças de Naziazeno pela cidade para conseguir o dinheiro, voltando tarde para casa, Adelaide retorna à cena na mesma rotina de servilidade ao marido e ocupação com as tarefas domésticas. A conversa entre eles exemplifica bem o perfil da mulher em uma família popular: “- Tu ainda não jantaste? (...) - Eu te guardei a comida. (...) - Tu trouxeste manteiga? (...)” (Machado, 2004, p. 144). Todos esses recortes expressam sempre as preocupações de Adelaide com o marido e o filho e os cuidados com o lar. Na fala seguinte, essa postura fica ainda mais evidente nos detalhes trazidos pelo narrador:

Naziazeno lava o rosto, as orelhas, o pescoço. Molha o cabelo. Quando se volta para receber a toalha que ela a seu lado lhe segura, tem a pele vermelha aparecendo por entre os fios da barba um tanto crescida.

Enxuga-se. Penteia-se.

Ele soltou a toalha sobre a mesa da cozinha. É uma tábua branca, muito limpa. A mulher, que esquecera a saboeira na mão, vendo-o pentear-se, coloca igualmente em cima da mesa a saboeira com o sabão, e vai em direção ao pequeno fogão de ferro. Um tênué fogo arde ainda lá dentro. Ela esperta-o. Abre o forno. Destampa os pratos que aí se encontram. (Machado, 2004, p. 145)

O narrador vai esmiuçando todos estes cuidados de Adelaide: traz a toalha e asegura para o marido, coloca a saboeira em cima da mesa e prepara a comida. “Adelaide atiça mais o fogo. Põe uma chaleira a esquentar” (Machado, 2004, p. 146). Enquanto ela lhe prepara a comida, “Naziazeno senta-se no ‘seu’ lugar, esperando” (Machado, 2004, p. 146) - até o lugar do homem à mesa está definido. E ainda preparando tudo para o marido dormir e descansar: “- Já queres te deitar? — pergunta-lhe ela” (Machado, 2004, p. 152). O cuidado para com o marido, já incrustado na postura de Adelaide, se deixa ver claramente em suas falas e ações: “- Antes de me deitar eu tomaria um outro cafezinho – diz ele, ao se encontrar de novo com ela na ‘varanda’. Adelaide se dirige para a cozinha. (...) – Queres o café agora ou mais tarde?” (Machado, 2004, p. 156). Poderíamos trazer aqui mais falas de Adelaide nessa conversa com o marido que mostram claramente o papel da mulher assumido cegamente por ela: o papel de servir continuamente ao marido no tempo de seu querer.

Também ficam evidentes os cuidados e as preocupações com o filho. Cabe à mãe zelosa esta tarefa: “Ele ouve um choramingar do filho, que quer meio acordar. Adelaide ‘nana-o’, ‘nana-o’... Tudo se acalma outra vez” (Machado, 2004, p. 158). Naziazeno ouve o filho, mas quem vai acalmá-lo é a mãe. Essa função, dentro de uma estrutura familiar patriarcal, cabe à mulher. E essa pequena família retrata muito bem os papéis sociais que devem assumir o homem e a mulher. Enfim, a mesma postura, o mesmo comportamento do início da narrativa se repete ao final dessa estrutura circular que perpassa todo o romance.

Toda essa análise em torno dos papéis sociais e do romance *Os ratos*, nesta perspectiva, possibilita compreender por que razão Machado cria a personagem feminina tão resignada, sem perspectivas, encontrando sua realização pessoal na maternidade, nos cuidados com o marido e o filho e nas ocupações diárias do lar. Não sem uma intenção clara ele constrói Adelaide como um ser inessencial: um ser fictício que em tudo retrata o ser vivo acomodado aos padrões da época. As palavras

de José Hidelbrando Dacanal também deixam claro o espaço relegado à mulher ao destacar Naziazeno voltando “vitorioso, à sua Ítaca familiar, na qual Adelaide e Mainho, qual Penélope e Telêmaco, proletários da sociedade urbana pré-industrial, esperam ansiosos sua volta, garantia e certeza da comum sobrevivência” (Dacanal, 2018, p. 82). Enfim, à esposa dedicada ao lar cabe esperar o marido, o provedor do lar, com as soluções para as dificuldades que enfrentam (que ela conhece, mas não tem poder de decisão) e garantir a sobrevivência da família.

3 As formas de desrespeito nas relações sociais

Estudando a identidade e as formas de desrespeito na filosofia de Axel Honneth, especialmente em *Luta por reconhecimento* (1992), entendem-se teoricamente as formas pelas quais os indivíduos são afetados pelas experiências de desrespeito e o que os impede de alcançar a plena autorrealização. Ele aponta três tipos de reconhecimento: o amor, o direito e a solidariedade. A autorrealização do indivíduo se efetiva quando ele alcança a autoconfiança na família, o autorrespeito no direito e a autoestima na sociedade. E, a cada um deles, corresponde uma forma de desrespeito: uma visível nas experiências de maus-tratos corporais, outra nas experiências de rebaixamento moral e ainda aquela referente ao rebaixamento do valor social de indivíduos ou grupos com consequentes prejuízos para os sentimentos de honra e dignidade do indivíduo. Todas elas atingem a pessoa, afetando sua integridade e identidade. Seriam patologias sociais que ofusciam especialmente grupos relegados à condição social de invisibilidade ou os impelem à mobilização social.

Não se trata aqui de fazer um estudo aprofundado da obra do filósofo. Destacamos, para fins da reflexão em torno da personagem Adelaide, a forma de desrespeito que aponta para a privação de direitos que, segundo Honneth, leva ao rebaixamento moral do sujeito em relação ao autorrespeito:

isso se refere aos modos de desrespeito pessoal, infligidos a um sujeito pelo fato de ele permanecer estruturalmente excluído da posse de determinados direitos no interior de uma sociedade. (...) a particularidade nas formas de desrespeito, como as existentes na privação de direitos ou na exclusão social, não representa somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não possuir o *status* de um parceiro com igual valor, moralmente em pé de igualdade (Honneth, 2003, p. 216)

A privação de direitos a uma pessoa no âmbito das relações sociais acarreta a exclusão social, impedindo que ela possa desempenhar seu papel de cidadã na participação plena e ativa na vida social, o que pode levá-la ao sentimento de rebaixamento moral. Esse sentimento de diminuição diante de outros é consequência de um processo de reificação social. Trata-se o outro como coisa, desprovido de emoções, mas que serve a um objetivo⁵, fazendo com que não se sinta digno de reconhecimento diante de outros membros dessa mesma sociedade. Nela,

⁵ Víctor Manuel Espíter Villa, em seu artigo *La teoría del reconocimiento de Axel Honneth: un bosquejo moral de las formas de menosprecio social*, aborda as formas de desrespeito em Honneth, afirmando que “la posibilidad de la valoración social no se configura como algo circunscrito dentro del carácter de obligatoriedad, sino que se encuentra determinado por la posición de privilegio que ostenta determinado individuo o grupo social. Por ello las formas de menosprecio señaladas por Honneth (1997) pueden asumirse como un problema de tipo moral, toda vez que, al no existir patrones universales que condicionen las relaciones intersubjetivas, se suscitan sociedades proclives a experimentar vínculos sociales desiguales, cosificadores y excluyentes” (Espíter Villa, 2021, p. 16).

todos deveriam ter os mesmos direitos, mas, quando existe a falta de reconhecimento, a autonomia e a autoestima daqueles que não são reconhecidos em seus direitos básicos são afetadas. Como consequência, a privação de direitos pode anular as expectativas de qualquer mudança ou crescimento dentro do grupo, uma vez que aquele que é afetado por essa forma de desrespeito chega a perder a autoconfiança e o autorrespeito.

Uma outra experiência de desrespeito que também afeta modos de vida individuais ou coletivos, levando à degradação valorativa de alguns padrões de autorrealização, é apontada por Honneth: “em face desse segundo tipo de desrespeito, que lesa uma pessoa nas possibilidades de seu auto-respeito, constitui-se ainda um último tipo de rebaixamento, referindo-se negativamente ao valor social de indivíduos ou grupos” (Honneth, 2003, p. 217). A desvalorização social leva o indivíduo a uma perda da própria autoestima, o que lhe tira a capacidade de se entender a partir de suas capacidades e o encorajamento advindo da solidariedade do grupo. Este tipo de desrespeito leva à degradação de indivíduos ou grupos inteiros, criando uma hierarquia que forma grupos com maior prestígio e outros com valor de inferioridade.

Essas experiências de desrespeito apontadas por Honneth têm como consequência o que ele chama de “morte social” e “vexação”. O rebaixamento e a humilhação levam ao sentimento de desrespeito social que ameaça a integridade pessoal do sujeito. Ele diz (Honneth, 2003, p. 220): “Daí a experiência de desrespeito estar sempre acompanhada de sentimentos afetivos que em princípio podem revelar ao indivíduo que determinadas formas de reconhecimento lhe são socialmente denegadas” com o consequente sentimento de “falta do próprio valor” (Honneth, 2003, p. 223). Como exemplo de grupos vitimados por essas “patologias sociais”, podemos citar as mulheres relegadas às tarefas do lar e à condição de outro: “aqueles marcados como o Outro experimentam sua opressão como uma realidade comunitária. Eles se veem como parte de um grupo oprimido” (Bergoffen, 2022, p. 170).

Podemos inserir, nessas duas experiências de desrespeito, nossa personagem Adelaide, tanto no âmbito pessoal como enquanto membro de um grupo social afetado pela opressão do discurso ideológico que inferioriza as mulheres perante os homens. Adelaide é essa mulher vítima das formas de desrespeito citadas cujas consequências podem ser notadas no seu comportamento ao longo da narrativa: sempre passiva, calada, resignada e apagada diante do marido. “A mulher baixa os olhos; mexe com a ponta do dedo qualquer coisinha na tábua da mesa” (Machado, 2004, p. 9). Adelaide ilustra o padrão de comportamento da mulher dos anos 1930 relegada ao ambiente restrito do lar. Totalmente distante das mudanças que vão acontecendo nas cidades e mesmo das lutas feministas que ganham espaço, a ela subtrai-se o direito de se pensar como sujeito ativo no curso da própria história. Não lhe cabe qualquer outra atividade que não sejam as tarefas do lar. Por ser mulher, era considerada incapaz de ter uma participação em questões que não estivessem ligadas ao universo doméstico.

Ela representa também um grande número de mulheres desse período como grupo relegado ao rebaixamento social. Ficavam invisíveis no universo privado, sem nenhuma oportunidade de participação ativa na sociedade da época. As mulheres não acompanhavam as mudanças ocasionadas pelo processo de industrialização nem os espaços que outras mulheres já haviam conquistado. As mulheres do lar não tinham voz, nenhum poder de decisão, completamente dependentes e passivas, sem perspectivas de vida melhor, satisfazendo essencialmente o padrão masculino como seres inessenciais.

Essa dupla forma de desrespeito vivida por Adelaide por imposição faz com que ela se anule e viva conforme a postura ideológica desse período: “a mulher não diz

nada”, aceita passivamente seu destino incorporando o conformismo, sua condição inessencial. Honneth diria que Adelaide estava estruturalmente excluída da posse de determinados direitos no interior da sociedade, o que destrói qualquer pretensão de mudança e limita sua autonomia. Ela é relegada à condição de subserviência e alienação, convencendo-se de que não pode ter o *status* do homem e viverá condicionada a cuidar da casa e da família.

4 Considerações finais

Com base em toda a fundamentação teórica trazida neste texto a partir da leitura de autores que se debruçaram no estudo de questões que envolvem a construção de estereótipos em torno da mulher ao longo da história, pode-se entender melhor a construção do perfil feminino n’*Os ratos*. A desconstrução da personagem ao longo da pesquisa permitiu sua reconstrução a partir do real que ela encerra, ou seja, da verdade inessencial que por meio dela se concretiza dentro da narrativa ficcional. Como o autor não traz uma caracterização de Adelaide, fundamentou-se essa análise nos diálogos dos quais ela participa e nos momentos de profunda interiorização de Naziazeno. A partir desse recurso, delineou-se o perfil da mulher criado por Machado nesta obra, perfil este que se conecta com a imagem da mulher nas famílias populares dos anos 1930: passiva, resignada, tímida, silenciada e totalmente submissa ao marido.

O contraste entre a centralidade do homem e a invisibilidade da mulher evidencia o patriarcalismo urbano. A centralidade masculina e o apagamento feminino correspondem aos papéis ideologicamente delegados pela sociedade fortemente conservadora dos anos 1930: o macho provedor e a doméstica cuidadora da família e do lar. A centralidade do homem e a invisibilidade da mulher correspondem ao domínio da esfera pública pelo macho, e a esfera privada destinada à mulher. Essa distinção é fruto de uma construção histórica e política, masculina e heterossexual, que gerou essa divisão de papéis, lugares e funções.

A postura conservadora e patriarcal subvalorizou a mulher, relegou-a ao ambiente doméstico e reduziu-a aos cuidados da casa, dos filhos e do marido. Em Adelaide, esse modelo fica evidente. Ela sempre tem atitudes que expressam sua passividade: a timidez, o silêncio, a cabeça baixa, o querer agradar ao marido e a dedicação às atividades da casa. Esse é o retrato fiel do papel da mulher na família patriarcal conservadora do início do século XX. A timidez, a passividade e a resignação são posturas que revelam em Adelaide as consequências das formas de desrespeito apontadas por Honneth. Incorporando em si todo o conformismo que lhe é imposto por um padrão social que a coloca na condição de Outro, é condenada ao rebaixamento moral. Essa condição lhe rende a perda do autorrespeito, da autorrealização e da autoestima, o que lhe impede qualquer perspectiva de mudança.

O par Sujeito e essencial equivale ao papel do homem como pai, chefe, provedor do lar enquanto o par Outro e inessencial cabe à mulher que está em uma posição inferior, subjugada dentro de uma ótica de valores essencialmente masculina. A alteridade aqui está relacionada à posição de inferioridade, submissão, passividade e fragilidade imposta à mulher. O perfil de Adelaide é construído a partir do olhar de Naziazeno. Conhecemos Adelaide quando lemos a postura do marido, provedor do lar, nas conversas com a esposa e nas suas divagações constantes na narrativa, dado o drama psicológico que vive diante do problema que o sufoca. As atitudes de Adelaide a desnudam e confirmam seu lugar na pequena família: mãe, esposa, dona de casa e mulher cuidadora.

Estudando com atenção a presença silenciada de Adelaide, chega-se ao estereótipo historicamente construído em torno da mulher que vigorava nos anos 1930. As propagandas do governo Vargas enaltecedo o dito “pai dos pobres” com

intenção clara de controle da população vigiada e oprimida todo o tempo apoiam-se na imagem do *paterfamilia*, reforçando a divisão dos papéis do homem e da mulher.

Adelaide é o retrato da sociedade patriarcal da época que delimita claramente esses papéis ao centralizar o homem e apagar, silenciar a mulher. Ser vivo e ser fictício engendram uma forma de conceber o mundo e a sociedade da época. Dessa forma, o que era aparentemente uma narrativa simples transforma-se em uma crítica à postura conservadora masculina especificamente no contexto da moderna, mas ainda provinciana, Porto Alegre do início do século XX e boa parte do país.

Referências

- BEAUVIOR, S. *O Segundo Sexo [I]*: os factos e os mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.
- BERGOFFEN, D. Simone de Beauvoir. Marques, L. A. & Lopes, M. (Orgs.) *Textos selecionados de pensadoras em tempos indigentes*. Pelotas: Nepfil Online, 2022.
- BIROLI, F. *Gêneros e desigualdades*: os limites da democracia no Brasil. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2018.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- DACANAL, J. H. *O romance de 30*. 4. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.
- ESPITER Villa, V.M. (2021). La teoría del reconocimiento de Axel Honneth: un bosquejo moral de las formas de menoscambio social. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, 42(125). Disponível em <https://revistas.usantotomas.edu.co/index.php/cfla/article/view/6372/6319> Acesso em 27 out. 2025.
- ESTEVES, N. C. S. *Conquistas femininas durante o governo Vargas*. Disponível em https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600021231_ARQUIVO_ed84ad90e200a49c6a79125700c5dd7f.pdf Acesso em 2 set. 2025.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luís Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- GOMES, A. C. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: *Repensando o Estado Novo*. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- MACHADO, D. *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- MARQUES, L. Á. *Formas da filosofia brasileira: 12 aportes metodológicos à historiografia, metalinguagem e autocrítica da filosofia brasileira* [recurso eletrônico] / Cachoeirinha: Fi, 2023. Disponível em <https://www.editorafi.org/ebook/a013-formas-filosofia-brasileira> Acesso em 2 dez. 2025.
- POUILLO, J. *O tempo no romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- REBOLHO, B. F. *Personagens feministas na ficção de Dyonélio Machado*. Disponível em <https://repositorio.upf.br/server/api/core/bitstreams/2b9d9453-a81f-413e-b8e0-e84fa4f3823e/content> Acesso em 14 set. 2025.
- SOUZA, L. P. & Guedes, D. R. *A desigual divisão do trabalho: um olhar sobre a última década*. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=pd&lang=pt> Acesso em 12 ago. 2025.